

MULHERES PIONEIRAS NA PRÁTICA DO JIU-JÍTSU

“Um Retrato Histórico”

Ester Gomes Bernabé

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG. Especialista em Gestão de Pessoas pela FAPP/UEMG. Bacharel em Administração com Ênfase em Marketing pela Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte.
esterbernabe@hotmail.com

Raquel Quirino

Professora e pesquisadora do Programa de Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG. Pós Doutora e Doutora em Educação pela UFMG. Mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG. Pedagoga pela UNI-BH.
quirinoraquel@hotmail.com

Simpósio Temático nº XV – DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: DESAFIOS ATUAIS E INTERLOCUÇÕES COM A CIÊNCIA & TECNOLOGIA (C&T) E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT).

RESUMO

Quando refletimos sobre a inserção da mulher no esporte na atualidade, faz-se necessário resgatar o contexto histórico de como este fato ocorreu. Isso porque o papel desempenhado pela mulher neste meio confunde-se e mescla-se com seu papel social na história, perspectiva esta escrita e interpretada sob um ponto de vista masculino. Neste artigo buscamos demonstrar por meio de um estudo documental, que apesar da tentativa de ocultá-la, a mulher se fez presente no campo das artes marciais, especialmente no jiu-jítsu. Por meio da teoria das relações sociais de sexo/gênero, derivada da sociologia do trabalho francesa, este artigo tem por objetivo trazer ao debate acadêmico a invisibilidade e a ausência de prestígio de figuras femininas históricas notáveis que marcaram sua época e hoje são pouco lembradas em estudos científicos sobre a temática no Brasil.

Palavras-chave: Esporte de combate, História, Jiu-jítsu, Mulher, Relações sociais de sexo/gênero.

ABSTRAT

When we reflect on the inclusion of women in sports today, it is necessary to rescue the historical context of how this fact occurred. This is because the role played by women in this environment is confused and mixed with their social role in history, a perspective that is written and interpreted from a male point of view. In this article, we seek to demonstrate, through a documentary study, that despite the attempt to hide it, women

were present in the field of martial arts, especially in jiu-jitsu. Through the theory of social relations of sex/gender, derived from the French sociology of work, this article aims to bring to the academic debate the invisibility and lack of prestige of notable historical female figures who marked their time and are now little remembered in scientific studies on the subject in Brazil.

Keywords: Combat sport, Jiu-jitsu, History, Social relations of sex/gender, Women.

INTRODUÇÃO

Atualmente as atividades esportivas são consideradas um dos maiores fenômenos sociais vigentes, e tem se estabelecido como um campo privilegiado de estudos e intervenções seja pelas performances de seus praticantes ou do ponto de vista educativo, para Silva e Rubio (2003) o esporte é uma forma elementar de socialização, um reflexo do modelo social contemporâneo.

O campo esportivo assim como outros campos sociais, tornou-se terreno de disputas simbólicas, sobre quais práticas esportivas as mulheres podem realizar e sobre quais são valorizadas socialmente (ADELMAN, 2004). O esporte foi e continua sendo, um espaço onde a dominação masculina é reproduzida, o que levou a “[...] uma longa história de luta das mulheres para sua inclusão nesse terreno” (ADELMAN, 2004, p. 33). Para Rubio e Simões (1999, p. 50) “A hegemonia ideológica do esporte, enquanto instituição masculina invalidou a experiência atlética como uma busca feminina digna.” A consequência desses paradigmas é que a mulher foi tida, por muito tempo, como invasora de um espaço masculino.

Estas percepções refletem até a atualidade no campo esportivo, quando verificado os números nota-se uma diferença significativa entre a presença feminina e masculina nos esportes. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a prática de esporte e de atividades físicas de 2015¹ aponta que, dos praticantes de esporte, 63,2% eram homens e 36,8% mulheres.

Tratando-se apenas dos esportes de combate, nota-se nitidamente a necessidade de evolução no sentido de proporcionar a inclusão efetiva da mulher. Segundo o IBGE (2015) apenas trinta por cento de praticantes de lutas e artes marciais são mulheres, tratando-se apenas do jiu-jítsu as diferenças são ainda maiores: em 2013 uma pesquisa

¹ Nesta pesquisa os termos "esporte" e "atividade física" são entendidos como: exercícios praticados pela pessoa, em seu tempo livre, e por ela classificado como esporte ou atividade física, de acordo com o seu próprio entendimento. Não envolvendo atividades relacionadas ao exercício profissional (IBGE, 2015).

do Ministério dos Esportes (BRASIL, 2013) indicou que do total de praticantes que lutavam jiu-jítsu 85% eram do gênero masculino e apenas 15% do gênero feminino.

Além da dificuldade para a inserção da mulher no campo esportivo, as mulheres também lidam com o processo de invisibilidade dos seus feitos. Segundo Perrot (2009) o esquecimento da História das mulheres não é ocasional, para ela: “O esquecimento de que as mulheres têm sido objeto não é uma simples perda de memória acidental e contingente, mas o resultado de uma exclusão consecutiva à própria definição de História, gesto público dos poderes, dos eventos e das guerras.” (PERROT, 2009, p. 112).

Segundo Perrot (2007) a invisibilidade da mulher na História perpassa pelo espaço em que a mulher é destinada, prioritariamente ao âmbito privado, onde seu trabalho é invisibilizado. Esta perspectiva corrobora com a Teoria da Divisão Sexual do Trabalho que identifica os princípios da separação e da hierarquia, segundo os quais a divisão sexual do trabalho é historicamente adaptada a cada sociedade e “[...] tem por característica a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.)” (KÉRGOAT, 2009, p. 67).

A subvalorização do trabalho feminino também é um fator determinante na construção da visão da mulher de si e do seu trabalho, segundo Perrot (2007) como as mulheres não são vistas, pouco se fala delas, incidindo no fenômeno denominado pela autora como “silenciamento das fontes”. Perrot (2007) afirma que o “silenciamento das fontes” se dá inclusive pela natureza do trabalho feminino:

As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. (PERROT, 2007, p. 17).

Quando se fala da história da mulher no Jiu-jítsu, um esporte marcadamente “masculino”, os registros históricos e bibliográficos são marcados pela ausência do feminino. Neste artigo busca-se demonstrar por meio de um estudo documental, que apesar da tentativa de ocultá-la, a mulher se fez presente no mundo esportivo, especialmente no Jiu-jítsu. Seja entre as mulheres samurais, as sufragistas ou

as “contraventoras” da legislação brasileira, o Jiu-jítsu traz exemplos de grandes guerreiras que fizeram das artes marciais um instrumento de emancipação, de defesa, de luta por seus direitos e de trabalho.

Inicialmente relata-se brevemente a história do Jiu-jítsu, em um segundo momento, com o intuito trazer ao debate acadêmico e dar invisibilidade as precursoras do esporte, este artigo trará os achados de figuras femininas históricas como: a lendária imperatriz Jingū, a samurai Tomoe Gozen, Phoebe Roberts, Emily Watts e Edith Garrud, mulheres notáveis que marcaram sua época e hoje são pouco lembradas em estudos científicos sobre a temática no Brasil, apesar do país ser referência nesta modalidade esportiva, conhecida internacionalmente como *Brazilian Jiu-jítsu*.

DO JIJUTSU AO JIU-JÍTSU BRASILEIRO

A história do Jiu-jítsu é amplamente divulgada entre seus praticantes de modo informal, entretanto a bibliografia acumulada a respeito do esporte é bastante reduzida, de acordo com Bizzar (2017) uma das mais aceitas teorias, com maior nexos cronológico e maior apoio dos historiadores sobre o surgimento do Jiu-jítsu, é que este tem seu início na Índia por volta de 500 a.C., o *Jujutsu* (como era chamado) era praticado por monges budistas preocupados com a defesa pessoal, visto que não podiam utilizar armas e tinham pouca força física em virtude da sua dieta. Com a expansão do budismo, a arte marcial se espalhou do sudeste da Ásia para a China, chegando finalmente ao Japão, onde se desenvolveu tornando-se oficial no país tanto para defesa pessoal, quanto como técnica de guerra.

O *Jujutsu* chegou ao Japão e se integrou ao estilo de luta dos samurais, exímios guerreiros, reconhecidos pelas técnicas de espadas, entre outras modalidades de combate. A arte destacava-se por características como equilíbrio e flexibilidade que venciam a força bruta. Sob a influência de diversos clãs japoneses a arte marcial, que passou a se chamar Jiu-jítsu, floresceu e chegou ao seu apogeu na era Edo (1615 a 1868) conforme aponta Fayan (2000).

Entretanto com o fim do feudalismo e ascensão do imperador Matsushito Meiji (1868 a 1912), os clãs foram dissolvidos, os samurais perderam o direito de portar seus sabres, os combates entre a nobreza foram proibidos, o jiu-jítsu experimenta um período de declínio. Segundo Fayan (2000) a arte marcial foi marginalizada no Japão, “[...] a

arte outrora secreta e guerreira passa a ser ensinada de maneira acidental e mercenária por samurais desempregados e até por bandidos, o que só lhe traz má reputação e desinteresse dos intelectuais.” (FAYAN, 2000, p. 19).

Ao final do século XIX e início do século XX, os mestres de jiu-jítsu começaram a migrar do Japão para outros continentes, levando as artes marciais para o ocidente. Além de ensinar as suas técnicas, os mestres ganhavam a vida participando de lutas, competições, apresentações teatrais, etc., conforme afirma Bizzar (2017).

No Brasil, um dos primeiros indícios do exercício do jiu-jítsu localizado por Lise e Capraro (2018), foi de 1908, os autores encontraram registros da presença do mestre japonês Sada Miyako que chegou a ministrar aulas de jiu-jítsu para militares da Marinha brasileira, antes mesmo de tornar-se conhecida da população, a arte marcial já era adotada pelas forças armadas. Os autores afirmam ainda, que em 1909 Sada Miyako também realizava apresentações em teatros do Rio de Janeiro, promovendo combates intermodalidades.

Entretanto o mestre que é reconhecido por efetivamente difundir o jiu-jítsu no Brasil foi o japonês Esai Maeda Koma, Lise e Capraro (2018) e Bizzar (2017) explicam que depois de viajar com uma trupe de lutadores por vários países da Europa e das Américas, o mestre, também conhecido como Conde Koma chegou ao Brasil em 1915. Koma rodou o Brasil por dois anos realizando apresentações com sua trupe, e em 1917 decidiu fixar residência em Belém do Pará, no ano seguinte conheceu o jovem Carlos Gracie o mais velho dos irmãos Gracie e começou a treiná-lo e este repassou os ensinamentos aos seus irmãos.

Hélio Gracie o mais novo dos irmãos, era um garoto de corpo frágil logo percebeu que não conseguia executar com facilidade as técnicas ensinadas, com a intenção fazer de forma mais eficiente, começou a modificá-las para se adaptarem a sua condição, enfatizando os princípios de alavanca, equilíbrio e manipulação do corpo. De acordo com Bizzar (2017) quando a família Gracie mudou-se para o Rio de Janeiro em 1925, Carlos Gracie abriu sua primeira academia, conhecida como Academia Gracie de Jiu-jítsu, a partir daí as práticas e a filosofia do esporte foram se popularizando, as técnicas foram refinadas e aperfeiçoadas principalmente por Hélio Gracie que modificou a maiorias das técnicas do Jiu-jítsu.

Segundo Lise e Capraro (2018) os integrantes da família Grace, imbuídos em provar a supremacia das técnicas do jiu-jítsu e atrair alunos para sua academia,

desafiavam mestres de outras artes marciais e lutadores amadores, e em alguns casos até ofereciam premiações em dinheiro àqueles que os vencessem. A fama do Jiu-jítsu e da família Grace se espalhou pelo Brasil, a ponto de posteriormente o esporte passar a ser conhecido mundialmente como *Brazilian Jiu-jítsu* ou Jiu-jítsu Brasileiro, e a família Grace sua matriarca.

DAS ONNA BUGEISHAS ÀS SUFRAGISTAS INGLESAS - A INSERÇÃO DA MULHER NO JIU-JÍTSU

Apesar do campo das artes marciais ser monopolizado pelo gênero masculino, as mulheres desempenharam um papel importante em sua história, inclusive nas grandes guerras japonesas, influenciando diretamente nos campos de batalha ou indiretamente como esposas, filhas e mães em processos políticos.

Morales (2017) aponta que durante um período de oito séculos das grandes guerras samurais, era possível encontrar as *Onna Bugeishas*, nome dado às mulheres samurais, provenientes de todos os estratos sociais, da nobre à camponesa, verdadeiras guerreiras, que deixaram sua marca nos campos de batalha, nos navios de guerra, na defesa de castelos, e estiveram presente em diferentes períodos históricos do Japão.

As *Onna Bugeishas* lutaram lado a lado com os homens samurais, equiparando-os, às vezes superando-os em habilidades, elas eram educadas em ciências, matemática e literatura, além de praticarem o *nagitana*², o *kyudo*³, bem como o jiu-jítsu (MORALES, 2017).

Carla Mais (2019) reuniu em sua pesquisa, histórias de *Onna Bugeishas* que viveram em períodos históricos distantes um do outro, estas foram retratadas em crônicas, contos de guerra e por vários pintores entre o período Tokugawa (1603 a 1868) e o período Meiji (1868 a 1912). Apesar de registros históricos escassos, evidências arqueológicas sugerem que as *Onna Bugeishas* talvez não fossem uma raridade, pesquisas recentes descobriram um envolvimento feminino significativo em batalha, questionando a exclusão das mulheres samurais dos livros de história.

² Arte marcial praticada com uma espada em forma de foice com cerca de 2 metros de comprimento, que leva o mesmo nome da arte marcial, Naginata.

³ Luta com arco e flecha.

Um estudo realizado em 105 cabeças de soldados decepadas que datam da batalha travada entre Takeda Katsuyori e Hōjō Ujinao (1580) e mantidas no cemitério da cidade de Numazu, na província de Shizuoka, revelou que um terço pertencia a mulheres adultas. O fato de não terem sido encontrados crânios de crianças e idosos indicaria que essas mulheres participaram do confronto longe de fortificações (MAIS, 2019). Segundo Turnbull (2010), os detalhes desta escavação e testes de DNA confirmam que guerreiras samurais certamente estavam presentes no campo de batalha.

Destas mulheres, por vezes apagadas da história das guerras samurais, destaca-se a lendária imperatriz Jingū, as guerreiras Tomoe Gozen, Hangaku Gozen, Sanada Komatsu, entre outras samurais. Nesta pesquisa enfatizou-se a história de duas destas pioneiras da prática das artes marciais, a imperatriz Jingū e a samurai Tomoe Gozen.

A primeira delas, a imperatriz Jingū (169 a 269) era uma soberana guerreira que reinou ao longo do século III d.C., desde a morte do imperador Chūai, seu marido. Os historiadores, no entanto, concordam em considerar sua figura mais mitológica do que histórica. A primeira evidência biográfica da figura da imperatriz Jingū foi localizada nos registros históricos japoneses do século VIII d.C. e no Fudoki⁴, conforme afirma Carla Mais (2019).

Embora a imperatriz Jingū não seja muito popular na atualidade, ela era conhecida no Japão no passado. Segundo a lenda, Jingū alcançou diversas vitórias militares em território japonês e conquistou parte do território coreano, era considerada um canal com espíritos divinos, o que a impeliu a invadir e assumir o controle do território de Silla (Coreia), uma terra rica em ouro, prata e outros bens, (MAIS, 2019). Após seu retorno ao Japão (Kyūshū), Jingū deu à luz ao imperador Ōjin. Jingū, morreu com cem anos de idade, servindo por muitos anos como regente de Ōjin.

Carla Mais (2019) identificou a seguinte retratação da fala da imperatriz Jingū, sobre sua incursão pela Coreia:

Fazer guerra e mover tropas é uma questão de grande preocupação para um país. Paz e perigo, sucesso e fracasso dependem disso. Se agora eu confiar a vocês, meus ministros, os deveres da expedição que estamos prestes a empreender, a culpa, em caso de fracasso, recairá sobre vocês. Isso seria muito doloroso para mim. Portanto, embora eu

⁴ São relatos antigos da cultura e geografia provincial japonesa, uma tradição oral apresentada aos monarcas do Japão, eles contêm registros agrícolas, geográficos e históricos, bem como mitologia e folclore. Os Fudokis manuscritos também documentam mitos locais, rituais e poemas que não são mencionados na literatura tradicional da antiga mitologia e história nacional japonesa.

seja uma mulher e também uma mulher débil, emprestarei por um tempo a aparência externa de um homem e me forçarei a adotar conselhos masculinos. [...] Se a empreitada for bem-sucedida, todos vocês, meus ministros, terão o crédito, enquanto que, se não der certo, serei a única culpada. (KEGAN PAUL, TRENCH, TRÜBNER, 1896, p. 228, *apud*, MAIS, 2019, p. 82-83, tradução nossa).

No Japão moderno, antes da Segunda Guerra Mundial, a figura da Imperatriz Jingū era muito conhecida e fazia parte do programa de história da escola primária japonesa. Após a Segunda Guerra Mundial, a figura da imperatriz foi revisada e muitos estudiosos questionaram a realidade histórica dos estudiosos contemporâneos de Jingū.

Segundo Mais (2019) atualmente os historiadores concordam que a lenda da Imperatriz Jingū é um produto dialético entre eventos históricos que realmente aconteceram e elementos mitológicos que influenciaram e estruturaram a própria lenda. Com base em constatações realizadas por meio de análises históricas de como as mulheres da antiguidade exerceram influência e poder por um longo período, é possível, portanto, aceitar como verdadeira a existência de uma mulher conquistadora como Jingū.

Outra *Onna Bugeisha* que se destacou na história das mulheres samurais foi Tomoe Gozen, o pesquisador Morales (2017) aponta que Gozen além de grande guerreira, também era conhecida por sua beleza, inteligência, companheirismo e força física incomparável, os feitos de Tomoe Gozen durante a guerra de Genpei (1180 a 1185) tornaram-na uma figura ilustre da história nipônica. Inclusive, as proezas de Gozen foram retratadas nos escritos históricos *Heike Monogatari*⁵:

[...] Tomoe, de pele clara e cabelos longos, era de excepcional beleza. Como lutadora, ela era páreo para mil homens comuns, habilidosos em armas, capazes de dobrar o arco mais forte, a cavalo ou a pé, sempre pronto com sua espada para comparar qualquer demônio ou deus que surgisse em seu caminho. Ela conseguia controlar o cavalo mais indisciplinado e galopar pelas encostas mais íngremes. (TSUCHIDA, KITAGAWA, SEIDENSTICKER, 1975, p. 83-84, *apud*, MAIS, 2019, p. 90, tradução nossa).

Usando diferentes fontes nas quais Tomoe Gozen é mencionada, Carla Mais (2019) traçou os principais feitos da carreira militar de Tomoe no exército do Lorde Kiso Yoshinaka. Segundo a autora, no sexto mês de 1181, Gozen estreou na batalha de

⁵ Também conhecido como *O Conto dos Heike*, é um relato épico sobre a luta entre os clãs Taira e Minamoto pelo controle do Japão no final do século XII, durante as Guerras Genpei (1180-1185).

Yokotagawara, derrotando sete guerreiros a cavalo. No quinto mês de 1183, como uma das principais comandantes de Yoshinaka, conduziu mais de mil cavaleiros e venceu a batalha contra os Taira em Tonamiyam. Finalmente, no primeiro mês de 1184, se destacou na batalha de Uchide no Hama, onde seu exército formado por trezentos cavaleiros de Yoshinaka foi dizimado por seis mil cavaleiros inimigos, Tomoe foi uma dos/as seis guerreiros/as a sobreviver. Sua última batalha, de Awazu, foi descrita no nono capítulo do *Heike Monogatari, A morte de Kiso*, onde ciente da derrota iminente Lorde Yoshinaka ordenou que Tomoe fugisse. O que aconteceu com Tomoe Gozen após a fuga permanece misterioso, Mais (2019) localizou pelo menos duas versões distintas que indicam diferentes caminhos para vida de Gozem após a sua última batalha.

Com o declínio das artes marciais no Japão e a migração dos mestres japoneses, o jiu-jítsu chegou a diversos países do mundo, principalmente à Europa. Neste contexto de popularização e visibilidade das artes marciais, homens e mulheres nobres eram incentivados a praticar jiu-jítsu, para defesa pessoal.

A Escola Golden Square de Jujutsu, em Piccadilly, Londres, dirigida por Sadakazu Uyenishi, era uma referência do jiu-jítsu feminino londrino. Segundo Callan (2017) a edição de 11 de abril de 1904 do jornal *Gloucestershire Echo* traz relatos de senhoras estudando jiu-jítsu em um porão da Golden Square, sob os cuidados do mestre Uyenishi. Em outra matéria do jornal *The Miscellany*, Uyenishi explica porque ensina jiu-jítsu às mulheres:

O equilíbrio e a rapidez sempre vencerão, e as mulheres sempre serão rápidas. Quando uma grande tempestade varre a floresta, as árvores pesadas e resistentes sofrem mais. As plantas menores que possuem mais elasticidade podem suportar a tempestade porque oferecem a menor resistência à força oposta. É assim com o Jujutsu. É o único sistema no mundo que pode permitir que uma mulher comum, derrote um homem forte. (CALLAN, 2017, p. 3, tradução nossa).

Em meio a este cenário, foi que por volta de 1903, as mulheres ingressaram nas artes marciais no ocidente, conforme afirma Callan (2017). Dentre as pioneiras se destacam Phoebe Roberts, Emily Watts e Edith Garrud.

Phoebe Parry nasceu em 22 de outubro de 1887, em Bedwelty, Monmouthshire, caçula entre cinco filhos, aos três anos foi adotada pela senhora Roberts, esposa de um químico em Londres, daí em diante Phoebe Parry passou a ser conhecida como Phoebe

Roberts (CALLAN, 2017). Por volta de 1903, Phoebe Roberts ingressa na Escola Golden Square de Jujutsu, em Piccadilly, sob a orientação do mestre Uyenishi, já em 1904, Roberts torna-se instrutora de jiu-jítsu na escola, além de realizar demonstrações da arte marcial com os mestres Sadakazu Uyenishi e Yukio Tani, e Emily Watts, que também havia iniciado o jiu-jítsu por volta de 1903, segundo aponta Callan (2017).

Um indicativo da popularidade da Srta. Roberts e do apoio nos altos círculos sociais, foi o convite recebido para se apresentar na *Garden Party*, ofertada pela *Japan Society*, no Jardim Botânico Real, em 1905. Callan (2017) afirma que a festa foi realizada em homenagem ao príncipe e princesa Arisugawa, que estavam visitando a Europa representando o imperador Meiji do Japão. Os jornais noticiaram e ilustraram Phoebe Roberts como: “[...] uma garota leve e esbelta de dezesseis ou dezessete anos, capaz de lançar oponentes pesados do sexo masculino com a maior facilidade.” (CALLAN, 2017, p.4, tradução nossa).

Posteriormente Phoebe Roberts passou a dar aulas na Escola Japonesa de Jujutsu, na Oxford Street, administrada pelo mestre Yukio Tani, segundo notas da revista *Sandow* de 1905, conforme constatou Callan (2017).

Outra precursora do jiu-jítsu na Europa foi Emily Watts. Segundo Callan (2017) Emily Diana Ashton nasceu por volta de 1867, em uma família rica da Inglaterra, estudou dança e artes corporais desde criança. Em 1902 ela se casou com Roger Watts, em Warwick, e passou a se chamar Emily Diana Watts.

Assim como Phoebe Roberts, Emily Watts ingressou na Escola Golden Square em 1903, Callan (2017) afirma que em 1906, Emily já ministrava aulas para crianças na *Prince's Skating Rink*, em Knightsbridge, Londres. Neste mesmo ano, Emily Watts publicou o livro *A fina arte do Jujutsu*, o primeiro livro, escrito em inglês, sobre as técnicas da arte marcial publicado por uma mulher.

O livro de Watts (1906) tinha por objetivo ensinar aos iniciantes exercícios, técnicas e lições do jiu-jítsu. Com instruções e fotografias Emily Watts ensinava quedas⁶, rolamentos⁷, *katas*⁸ e técnicas de defesa pessoal. Nas fotografias que ilustram o livro é possível visualizar a autora demonstrando passo-a-passo os detalhes de variados golpes de jiu-jítsu, em suas parceiras de treino e seus professores. Em 1907 o jornal

⁶ Formas diversas de projetar o oponente ao chão.

⁷ Técnica empregada nas artes marciais, a fim de evitar grande parte dos danos provocados ao corpo por quedas simples.

⁸ Formas de pegar no kimono.

Dominion relata em um artigo intitulado *Jujutsu para mulheres* sobre a exibição da arte marcial realizada por Watts e Alice Lauder Brunton em um congresso de grande prestígio, na *London University* (CALLAN, 2017).

Em 1914, Watts produziu outro livro, *O Renascimento do Ideal Grego*, apresentando um sistema próprio de exercícios calistênicos inspirados nas estátuas e obras de arte gregas antigas. Com a repercussão deste trabalho, foi aceita no Instituto Francês Marey e no Instituto Americano de Arqueologia. Watts passou boa parte dos anos subsequentes percorrendo um circuito internacional de palestras, realizando demonstrações da sua arte, Emily Diana Watts morreu em 1968 aos 101 anos (CALLAN, 2017).

Dentre as mulheres pioneiras no ensino do jiu-jítsu, a mais renomada foi Edith Garrud. Nascida Edith Margaret Williams em Bath, Somerset (Inglaterra) em 1872, casou-se em 1983 com William H. Garrud, instrutor de educação física especializado em ginástica, boxe, luta livre que em 1904 conheceu o fundador do *Bartitsu*, por meio de Barton-Wright, os Garruds conheceram o jiu-jítsu, posteriormente começaram a treinar a arte marcial com o mestre Uyenishi na Escola Golden Square de Jujutsu, no Soho, segundo afirmam WHN - *Women's History Network* (2013) e Callan (2017).

À medida que sua habilidade na arte marcial crescia, a reputação de Edith Garrud também aumentava. Segundo o WHN (2013) em 1907, Edith foi protagonista de um curta-metragem intitulado *Jiu-Jítsu – Derrubando com os pés*, produzido pela *Pathé Film Company*, em 1908 o casal Garrud passou a administrar e dar aulas na Escola Golden Square, no censo realizado em 1911 Edith e William Garrud foram listados como: “Professores de Jiu-jítsu, a arte japonesa de autodefesa”.

Nessa época o movimento sufragista estava em seu auge. Emmeline Pankhurst, líder da associação *Women's Social and Political Union* - WSPU (União Social e Política das Mulheres) acreditava que a luta para ganhar o direito ao voto na Grã-Bretanha deveria ser motivada por ações estrategicamente agressivas. Segundo Abreu (2002), em 1908 o WSPU organizava protestos, marchas, e violava a lei deliberadamente, incluindo assaltos, depredação de prédios públicos e privados, incêndios em casas e igrejas desocupadas. O que gerou confrontos violentos com a polícia e membros do governo.

Foi neste período que Edith Garrud teve seu primeiro contato com a WSPU. Em 1908, ela demonstrou alguns movimentos de Jiu-jítsu e palestrou para um grupo de

sufragistas. Habitualmente, Edith realizava as demonstrações enquanto William falava, entretanto como este estava doente, Emmeline Pankhurst persuadiu Edith a se apresentar sozinha (WHN, 2013).

Logo depois desta apresentação muitos membros da associação começaram a frequentar suas aulas. Em 1910, Edith envolveu-se diretamente no movimento ministrando aulas de jiu-jítsu regularmente para os membros WSPU, chegou até mesmo a escrever para o jornal sufragista *Votos para mulheres* (WHN, 2013). Em 1910 Edith Garrud produziu um artigo ilustrado explicando como as mulheres usavam as técnicas de jiu-jítsu: "mulheres que usam jiu-jitsu têm trazido grandes covardes corpulentos quase duas vezes o seu tamanho aos seus pés e os fazem uivar por misericórdia" (WILLIAMS, 2012, s/p, tradução nossa).

Em 18 de novembro de 1910, no que ficou conhecida como a Sexta feira negra, cerca de trezentas mulheres foram confrontadas por policiais em frente ao Parlamento. As manifestantes foram atacadas tanto pela polícia, quanto por homens que assistiam ao protesto, duas mulheres foram mortas, muitas foram feridas e mais de uma centena de sufragistas foram presas durante o conflito, (RUZ; PARKINSON, 2015).

Depois da Sexta feira negra, a liderança do WSPU determinou que todas as sufragistas deveriam preparar-se para defender-se em futuras manifestações, e incentivaram-nas a aprender jiu-jítsu. "A polícia conhece o jiu-jitsu. Eu aconselho você a aprender jiu-jitsu. As mulheres devem praticá-lo tanto quanto os homens, disse Sylvia Pankhurst, filha de Emmeline Pankhurst, em um discurso de 1913". (RUZ; PARKINSON, 2015, s/p, tradução nossa).

A fim de resistir à prisão e assédio constante da polícia (que também eram treinados em artes marciais durante sua formação), o WSPU criou uma unidade dedicada a proteger as líderes do movimento. A *Bodyguard* consistia em cerca de trinta mulheres treinadas na arte do jiu-jítsu por Edith Garrud, que estavam dispostas a proteger os Pankhursts e executar as tarefas mais perigosas, segundo apontam Ruz e Parkinson (2015).

As senhoras treinavam com Garrud em locais secretos por toda Londres, assim como o jiu-jitsu, foram ensinadas a manejar tacos de madeira de origem indiana, semelhantes aos usados pela polícia, Ruz e Parkinson (2015) afirmam que tais treinamentos ajudaram-nas a defender-se da truculência policial. Como no famoso confronto conhecido como Batalha de Glasgow, ocorrido no início de 1914.

[...] Uma multidão estava esperando para ver Emmeline Pankhurst falar no St Andrew's Hall. Mas a polícia a cercara, esperando pegá-la. Pankhurst escapou, ao entrar comprando uma passagem e fingindo ser uma espectadora. A *Bodygard* então se posicionou, sentando em um semicírculo de cadeiras atrás do pódio do orador. De repente, Pankhurst apareceu e começou a falar. Ela o fez por meio minuto antes que a polícia tentasse invadir o palco. Mas eles foram surpreendidos por arames farpados escondidos em buquês. "Então, cerca de 30 sufragistas e 50 policiais se envolveram em uma briga no palco diante de 4.000 pessoas por vários minutos", diz Wolf. (RUZ; PARKINSON, 2015, s/p, tradução nossa).

Com a batalha vencida, Edith voltou a ensinar Jiu-jítsu ao lado de seu marido e acabou desaparecendo da vida pública. Edith e William continuaram a ensinar artes marciais até 1925 quando venderam seu dojô⁹ e se aposentaram. Embora distante da sua vida pública, em 1965 concedeu uma entrevista ao jornalista Godfrey Winn, no evento de seu aniversário de 94 anos. Edith Garrud morreu em 1971, aos 99 anos, em Londres (WHN, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da crescente presença feminina na vida esportiva do país e no mundo, a história e as realizações das mulheres são constantemente colocadas em dúvidas, ignoradas e por vezes deliberadamente esquecidas, principalmente em esportes majoritariamente masculinos como o jiu-jítsu. Nota-se que não se trata de uma escassez de feitos, mas uma subvalorização do fazer feminino, que incide em inúmeras histórias não contadas, logo os estudos sobre a história da mulher nos esportes são muito necessários, a fim de romper esse profundo silêncio em diversos campos, inclusive o acadêmico.

Este estudo trouxe à luz algumas das muitas histórias não contadas, mas o mesmo não se encerra por aqui, outras tantas histórias de mulheres do passado e do presente merecem ser desveladas, devidamente registradas e um dia quem sabe acrescidas a memória popular, proporcionando visibilidade e crescendo valor aos feitos femininos.

⁹ Dojô: Local em que se pratica o Judô. Consiste em uma área de vários tatames (peças de material que absorva impacto seja borracha, palha de arroz, material sintético).

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Z. Luta das mulheres pelo direito de voto - movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, **Revista da Universidade dos Açores Arquipélago. História**, Açores, série 2, v. 6, 2002.
- ADELMAN, M. A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. *In: III fórum de debate sobre mulher e esporte - mitos e verdades*, São Paulo, p. 31- 37, 2004.
- BIZZAR, K. **A história do Jiu-jítsu brasileiro: do Jujutsu ao Jiu-jítsu brasileiro**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **A prática do esporte no Brasil**. Brasília: Ministério do Esporte, 2013. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>. Acesso em 13 abr. 2018.
- CALLAN, M. Phoebe Roberts and Emily Diana Watts: edwardian women's judo pioneers. *In: Chichester Annual Research Conference*, Londres, jul. 2017.
- DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). *In: HIRATA, H. (Org.). Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.
- FAYAN, D. D. **Jiu-jítsu: um resgate histórico**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- IBFJJ – International Brazilian Jiu-Jitsu Federation. **Livro de regras - Regulamento geral de competições - Manual de formatação de competições**. Irvine: IBFJJ, 2018.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa nacional por amostras de domicílios. **Práticas de esporte e atividade física**, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2018.
- KERGOAT, D. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. *In: HIRATA, H. (Org.). Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.
- LARDIES, M. **Coletânea de leis e regulamentos dos desportos**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1951.
- LISE, R. S.; CAPRARO, A. M. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 40, 3 ed., p. 318-324, jul./set. 2018.
- MORALES, J. L. C. Onna-Bugeisha: la mujer guerrera japonesa del siglo XII y el quebrantamiento del discurso de la debilidad femenina. *In: Seminario Historia, Mujeres y Sociedad*, Santiago do Chile, Dez. 2017.

MOURÃO, L. Vozes femininas e o esporte olímpico no Brasil. *In*: DA COSTA L.P., TURINI M. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

NASH, J. S. The forgotten golden age of MMA - part III: Sherlock Holmes, Les Apaches & the gentlemanly art of self defence. *In*: Cageside Seats. **Subnation**. Londres, 15 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.cagesideseats.com/2012/12/15/3669800/the-forgotten-golden-age-of-mma-part-3-sherlock-holmes-les-apaches>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, M. História (sexualização da). *In*: HIRATA, H. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 50-56, 1999.

RUZ, C.; PARKINSON J. 'Suffrajitsu': How the suffragettes fought back using martial arts. *In*: BBC News. **Magazine**. Reino Unido, 05 out. 2015. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/magazine-34425615>> . Acesso em: 09 fev. 2020.

SILVA, M. L.; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 3, n. 3, p. 69-76, 2003.

SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Mulheres no tatame**: o judô feminino no Brasil. Rio de Janeiro: MAUAD X: FAPERJ, 2011.

WATTS, E. D. **The fine art of Jujutsu**. Londres: Willian Heinemann, 1906.

WILLIAMS, R. Edith Garrud: a public vote for the suffragette who taught martial arts. *In*: The Guardian. **Life and style**. Reino Unido, 25 jun. 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2012/jun/25/edith-garrud-suffragette-martial-arts>>. Acesso em: 09 fev. 2020.

WHN. Women's History Network. Suffrajitsu – the Jiu-Jítsu teacher of the woman's war. *In*: Women's History Network. **For anyone with a passion for women's history**. Reino Unido, 12 out. 2013. Disponível em: <<https://womenshistorynetwork.org/suffrajitsu-the-jiu-jitsu-teacher-of-the-womans-war/>>. Acesso em: 08 fev. 2020.